



ENTRE REMENDOS E BORDADOS: SUPERANDO O DESEMPREGO COM CRIATIVIDADE E ECONOMIA SOLIDÁRIA A PARTIR DA VIDA DE DORCAS

Jussiana Silva dos Santos Rebouças*

CARTAS DE PAULO À IGREJA DE NEÓFITO

“Caros irmãos de Neófito, graça e paz.”



O Tecido Social em retalhos

A expansão do capitalismo a partir da permanente revolução de seus meios de produção carrega consigo um processo de transformação das relações de produção e conseqüentemente das formas de trabalho para torná-las adequadas à expansão do capital, do lucro e, portanto, da exploração do proletariado. Em cada momento de desenvolvimento das forças produtivas as relações de trabalho correspondentes criam e recriam um campo de batalha entre os detentores dos meios de produção e os vendedores de força de trabalho, com novas formas de opressão e semelhantemente de resistência.

A exigência de maior competitividade vem introduzindo estratégias de racionalização e redução de custos com sérias conseqüências para os níveis de emprego. Postos de trabalho, que tradicionalmente garantiam estabilidade, se reduziram drasticamente. A insegurança passou a fazer parte do cotidiano do assalariado que detém algum tipo de emprego formal. Formas precárias de trabalho, de subcontratação, passaram a ser utilizadas como norma, incorporando-se às práticas das empresas. Fragilizou-se a instituição sindical como representação legítima dos trabalhadores. O desemprego adquiriu dimensões mais amplas, mudando hábitos e trazendo pobreza e desesperança, e o trabalho informal tornou-se uma alternativa frequente para os excluídos do mercado de trabalho, formalizado, principalmente, nos países subdesenvolvidos.

Os indivíduos atualmente buscam lutar por um emprego, para garantir seu trabalho, para não voltarem ou permanecerem no mundo duro e desesperador que é o exército de reserva, ou ainda para não participarem do grupo “os descartáveis” perante o capital. É interessante perceber que esse desemprego, apesar de intensificar-se, ele é estrutural. Mesmo qualificando “todos”, não haveria postos de trabalho suficiente. Isso porque é o próprio jogo do sistema capitalista, faz parte de decisões políticas, logo, não é algo natural e inevitável. Por isso a sociedade do capital necessita cada vez menos de trabalho estável e cada vez mais do instável. Precisa-se manipular, oprimir, explorar, alienar o trabalhador! Assim a acumulação de riqueza multiplica-se e o trabalhador não pode estar reivindicando, pois enquanto uns encontram-se silenciosos garantindo seu emprego, outros urgem constantemente para ganhar um lugar ao sol.

Todo esse tecido social, cortado em pedaços desiguais, não corresponde aos ensinamentos bíblicos, já que “o trabalhador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos (2 Timóteo 2:6). Infelizmente, com o modo de produção capitalista, o proletariado sofre o processo de alienação e nada lhes pertence, sendo o capital, os meios de produção e a produção propriedades privadas do capitalista. Ora, até mesmo sua força de trabalho é vendida por um salário que não proporciona uma vida digna, nem sequer conseguem adquirir os produtos feitos por suas próprias mãos.

Defendo a ideia, assim como o mundo e as suas ações giram em torno do trabalho, através dele e por ele, mesmo que a escravidão tenha tido “um fim” ela perpetua e se modifica de acordo com as necessidades do mercado. Homens e mulheres pobres por sua vez, filhos e filhas da escravidão, são obrigados(as) a continuar se sujeitando às péssimas condições que o capital oferece, a viver e vivenciar formas arbitrárias passadas, a vestir uma roupa, que aparentemente nova, traz remendos e mofo do sistema colonial e imperial, enfim dos prenúncios do sistema capitalista. Roupas apenas costuradas, mas que ainda representam os maus tratos, a luta pela compra de uma alforria enganosa, a triste viagem dos navios negreiros, a constante fuga e a temível captura, e por fim, roupas que hoje trazem a marca do consumo e uma ilusória ideia de liberdade e ascensão social. Assim, homens, mulheres e crianças atualmente, acreditam ser livres quando consomem, por isso, degladiam-se entre si, na arena constante da sobrevivência. São escravos(as) não mais de um senhor, mas de um sistema repletos deles. Um sistema novo na forma, nas justificativas apresentadas, mas

guardando muito daquela brutalidade, inferioridade, exploração e animalidade de antes.

Na realidade, o capitalismo, por onde passou, criou violência. Ele cria não só desigualdade e concentração de renda, mas também desesperança, competitividade, individualismo muito grande, cria ódio nas pessoas que estão fora do sistema de consumo, isso porque “transformamos as pessoas em consumidores, e não em cidadãos”¹. Dessa forma, o sistema capitalista atual produz não apenas mercadorias, mas também subjetividade. E a mídia é o veículo por excelência de divulgação dessa nova subjetividade via um estilo de propagandas que criam desejos, modelam o imaginário das pessoas, despertam anseios. Substitui-se a informação pela mera e enganosa publicidade. Todos são tratados como consumidores, escamoteando a manipulação com vestes de escolhas, em uma grande economia de mercado. Mas, e a religião tão conclamada na contemporaneidade como símbolo de salvação para a humanidade, onde encontra-se nesse processo de barbárie?

Alinhavos de esperança

A História de Dorcas revelada na Bíblia nos aponta para a possibilidade de ultrapassar as barreiras do desemprego e da desigualdade social através da vida em comunidade, experimentando o cuidado, o diálogo e a parceria dos sujeitos sociais. Dorcas era líder de uma pequena comunidade cristã, na cidade de Jope, portuária no Mar Mediterrâneo a 45 quilômetros de Jerusalém. Não sabemos a origem econômica de Dorcas, mas a Bíblia sinaliza que sua renda era incorporada no sustento familiar-comunidade cujo trabalho volta-se para a visão equitativa e de justiça social, já que os grupos marginalizados que mais sofriam com a pobreza eram as viúvas com seus filhos e filhas. Ora, a dupla discriminação que sofria uma viúva na Palestina já era suficiente para impossibilitar sua digna sobrevivência, em especial em uma cidade portuária acarretava uma maior vulnerabilidade dessas mulheres no que tange a violência sexual, o que muitas aceitariam em troca de comida e vestimentas.

É nesse contexto que Dorcas exercia um poderoso e significativo serviço cristão. Ora, “e havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que traduzido se diz Dorcas. (Atos 9:36), ou seja, considerada seguidora de Cristo, carregava em suas ações o símbolo de bondade e compromisso

¹ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 24.

social, por isso mesmo a sua ausência mediante a morte representou uma comoção profunda e conseqüentemente a não aceitação da sua partida. “Naqueles dias Dorcas ficou doente e morreu. Lavaram o corpo dela e depois o puseram num quarto do andar de cima. Jope ficava perto de Lida. Quando os seguidores de Jesus em Jope souberam que Pedro estava em Lida, enviaram dois homens para levar-lhe o seguinte recado: — Por favor, venha depressa até Jope! Então Pedro se aprontou e foi com eles. Quando chegou lá, eles o levaram para o quarto de cima. Todas as viúvas ficaram em volta dele, chorando e mostrando os vestidos e as outras roupas que Dorcas havia feito quando ainda vivia. (Atos 9:37-39).

Com efeito, a morte de Dorcas gerou resistência entre o grupo marginalizado que ela representava, pois com sua ausência estariam também sepultando a esperança, a luta, o exemplo de superação em meio ao trabalho coletivo. “Mas Pedro, fazendo sair a todos, pôs-se de joelhos e orou: e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se. E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva. E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor (Atos 9: 40-42).

Ao refletirmos nesta passagem bíblica não podemos escorregar no equívoco de reduzir as ações de Dorcas como mero assistencialismo. Não temos o direito de silenciar ainda mais a História de uma das poucas mulheres mencionadas na Bíblia, colocando-a como aquela que costurava roupas para os pobres e dava esmolas. Eis um grande exemplo de como se construiu, pela ideologia dominante, a concepção de acomodação frente aos direitos sociais. Nesse caso, a cidadania é abafada pelo discurso da solidariedade, os direitos tornam-se sinônimo de favor, de ajuda. Então, as classes subalternas passam a sobreviver no campo das benesses, do clientelismo, consolidando uma cultura de tutela em detrimento de uma conquista universal da racionalidade crítica emancipatória.

Dorcas de fato foi uma serva de Deus que promovia esperança e tinha o amor como ética de vida. Os sujeitos por elas tocados eram valorizados, amados, potencializados, transformados. Defendo a ideia portanto que Dorcas liderou um grupo de indivíduos excluídos socialmente, em especial as viúvas e sua prole, garantindo abrigo, comida, roupa, mas acima de tudo dignidade, sentimento de importância, pois apesar da narrativa bíblica apresentar escassas informações, é válido refletirmos que Dorcas possuía uma cooperativa de pessoas felizes, criando um ambiente de trabalho amoroso, em que juntos costuravam e comercializavam roupas nas feiras de Jope, pois

sendo uma cidade portuária, recebia constantemente viajantes em seu território, que precisavam de vestes para seguir viagem.

Nessa perspectiva podemos afirmar que o papel da igreja no que tange às questões do desemprego deve estar para além do âmbito econômico, sendo necessária uma reforma intelectual e moral, voltada efetivamente para a concepção de mundo, quebrando a ideia do religioso individualista, mas assumindo uma ideia do divino que organiza e cria um terreno propício ao desenvolvimento da vontade coletiva, reafirmando a passagem bíblica que diz: “Sei que não há nada melhor para as pessoas do que ser felizes e fazer o bem enquanto vivem. Que cada um deles coma e beba, e encontre satisfação em todo o seu trabalho – este é o presente de Deus” (Eclesiastes 3: 12-13).

Juntando os retalhos

O desemprego não se constitui como uma questão central se considerarmos que a pobreza não é “privilégio” dos que não trabalham. As condições são tão precárias, que mesmo exercendo algum tipo de atividade, o indivíduo não consegue ter acesso aos direitos humanos e sociais necessários à sua sobrevivência. Assim, entende-se que existem formas perversas e desiguais de inclusão social, o que se caracteriza em uma inclusão excludente ou a não-inclusão. Nosso papel enquanto igreja de Cristo é costurar esses retalhos abandonados pelo sistema capitalista, superando a desigualdade, o desemprego e o subemprego com ferramentas diferentes do opressor.

Ora, “é possível organizar a produção em grande escala sem ser pelo molde do grande capital”². A economia solidária então é a solução racional e cristã substituindo a competição e reciclando a riqueza para o financiamento de novos postos de trabalho. Nossas igrejas podem então abrir as portas para reforçar e multiplicar iniciativas da sociedade civil no que tange a economia solidária e o consumo responsável, desenvolver cursos, palestras, ajudar a criar cooperativas e ou associações, promover e participar de feiras da agricultura familiar e de artesanato e por fim, mas não menos importante, eleger governos que coloquem essa pauta como questão precípua. Lembremos que “Deus não é injusto; ele não se esquecerá do seu trabalho e do amor que você demonstrou por ele ao ajudar seu povo e continuar a ajudá-lo” (Hebreus 6:10).

² SINGER, Paul. *Globalização e Desemprego: Diagnóstico e Alternativas*. São Paulo: Contexto, 2021, p.131.

Sendo a religião também um campo de emancipação humana, torna-se imprescindível um paradigma de conhecimento prudente para uma vida justa, negando todo tipo de autoridade e dogmatismo do conhecimento. O “despertar do amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação”³. Somente assim poderemos vislumbrar uma participação política em que negros(as), mulheres, população LGBTQIANP+, pessoas com deficiência, pobres dentre outros tenham demandas supridas e direitos respeitados. Por isso não se trata apenas de lutar pela extinção da apropriação dos meios de produção por uma parcela ínfima da sociedade, mas é imprescindível lutar também pela extinção e dominação elitista da cultura e do saber. Somente assim o distanciamento entre governados e governantes, entre intelectuais e alienados, poderá desaparecer, abrindo o espaço para que a sociedade civil reabsorva a representação estatal e assine verdadeiramente um justo e amoroso contrato social.

* Possui graduação em LICENCIATURA HISTÓRIA pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2003), bacharelado em SERVIÇO SOCIAL pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2014), especialização em Psicopedagogia pela Faculdade São Salvador, especialização em História da África, da Cultura Negra e do Negro no Brasil pela UFRB e mestrado em Educação pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana). Atualmente é professora da SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MURITIBA e da SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA. Presbítera da Igreja Presbiteriana Unida em Muritiba, instituição que é eclesiana desde 2006.

³ HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021, p. 123.